



TEIAS DE AFETO E POESIA

Minicrônicas: Roseana Murray

Azulejos: Evelyn Kligerman

2020

Roseana Murray



Possuo dois lugares para viver, um no mar e outro na montanha. Passo de um para outro como se fosse mágica. Como se houvesse uma ponte.

Possuo uma língua para escrever.

Não podemos viver sem afetos. As nossas teias de afeto também são a nossa casa e a nascente das nossas palavras.

Evelyn Kligerman

ceramista

Um dia fui parar em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, Espanha e nesta bela ilha aprendi a "Corda-Seca".

Sou apaixonada por azulejos e comecei a fabricá-los com esta técnica.

Surgiram então os desenhos que são o meu alfabeto colorido.

Azulejos, murais, quadros... um fazer infinito.



dedicatória
para os meus leitores

As Teias de Afeto são como uma canção de ninar, mas uma canção de ninar de uma profundidade incomensurável. Assim me senti lendo os textos, embalada pela arte, pela Literatura, por uma voz humana atemporal, que nem é sua, Roseana, que te atravessa; nem sei se vem do passado ou do futuro.

Marici Passini, escritora.

um



O que gostaria de encontrar num sótão empoeirado, se houvesse sótão, como havia antigamente?

Uma máquina de costura de pedal.

Pedalando e costurando, imagino que as mulheres, naquele tempo longínquo, aprisionadas em seus afazeres, sem voz nem opinião, podiam abrir as grades do pensamento e dos desejos.

Podiam costurar e alinhar sonhos impossíveis, de amores e ilhas perdidas e grandes aventuras.

Enquanto os pés e as mãos se moviam, elas percorriam extensos espaços, gazelas na savana, eram mais que uma mulher e sua máquina de costura.



dois



Uma única palavra: remendar, me traz de volta a infância, quando as roupas eram cuidadosamente remendadas, cerzidas, passavam de um irmão para outro e nunca acabavam.

Até que explodiu, em nosso mundo, o capitalismo mais selvagem e as coisas, os objetos e também as pessoas se tornaram descartáveis. Nossas montanhas de lixo falam sobre esse descarte precoce de todas as coisas. E também de pessoas.

Remendar é um ofício esquecido e belíssimo.



Mas se todos os dias temos que remendar nossa alma! O remendo é próprio da condição humana. Agora mesmo estamos remendando nossos medos, costurando com linha fina nossos medos enfileirados em nossa roupa, para que não escapem e tomem conta da casa.

Todos os dias remendo a minha saudade rasgada, de tanto usá-la, já não sei a sua cor.

Saudades dos que se foram.

Dos que estão longe.

Dos que ainda não chegaram.



três



Alguns objetos atravessam o tempo sem quebrar, sem se desmanchar, sem se perder, não se sabe como e nem por quantas gerações, e a sua verdadeira história muitas vezes nem conhecemos.

Tenho uma mulher de cristal que é um licoreiro.

Quando criança já estava lá, na casa da minha infância, me olhando com seus braços cruzados e sua roupa transparente.

Minha mãe coloria as roupas entornando dentro da mulher vinho e azeite, que não se misturam. Assim, a saia ficava vermelha e a blusa amarelada.



Podia olhar para a minha mulherzinha por muitas horas seguidas. Para ela inventava histórias.

Era muito velha, mas não envelhecia. Vidro não envelhece. Foi da minha avó, atravessou o mar para chegar aqui. Foi da minha mãe. Foi minha na infância porque a amava.

Quando minha mãe morreu, nem perguntei se podia, a ninguém da família, eu simplesmente a trouxe comigo. Ela já era minha.

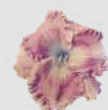
Em silêncio, ela sopra um vento, de tão longe: as minhas raízes.



quatro



Andamos tanto desde as cavernas até aqui.
Inventamos tudo.
Destruímos quase tudo.
As pernas doem de tanto caminhar, atravessar continentes.
E agora a tarefa é imensa.
Reconstruir, ressuscitar, plantar outra vez.
Chamar a vida como quando se sopra no fogo quase extinto.
Limpar os rios e mares.
Chamar o amor como se as cordas vocais fossem estrelas.
Quase como bordar um pano em branco com cada sonho de
paz sonhado pela tribo dos equilibristas.
Com pérolas, ametistas e aurora boreal.



cinco



Se fecho os olhos, a rua se acende e a casa, que já não existe mais, abre as suas portas para que eu veja as pessoas que também não existem mais. A minha primeira casa reluz feito a lua esquecida acesa no céu.

Estranho encantamento o da memória. São tantas cidades recortadas, fatiadas, os lugares onde vivemos, equilibradas em nossa alma.

Como num quadro do Chagall, caminhamos por seus telhados.



seis



As pessoas que amamos deixam sempre rastros, tatuagens, mapas do tesouro em nossos corações.

Ajudam-nos a viver. São os sinos que indicam o caminho onde encontraremos árvores e sombras, um arroio de água fresca e musical, nuvens douradas, as linhas onde escreveremos nossos sonhos.

Às vezes, estão distantes e seus pensamentos, seus nomes, são como o miolo de pão que se dá aos pássaros: cabem em nossa mão.

Ou já se mudaram para as estrelas e para dentro do nosso corpo.

São luz e alimento.



sete



Como se um realejo rodando e fazendo o tempo, como se um tear fiando o tempo, esse tecido estranho por onde caminhamos, a história da nossa vida, a música da nossa vida. Como se um bordado de linhas misturadas, emaranhadas, cortadas. Às vezes, o tempo é um lugar onde nos perdemos como num mercado antiquíssimo e não sabemos que ânfora abrir, qual ponte escolher, qual caminho, encruzilhada. E a areia da ampulheta nos conta, cada grão uma das palavras essenciais que nos constituem, nosso arcabouço.



oito



Um artista trabalha com a sua substância. Mesmo que utilize outros materiais, é com a sua essência que constrói.

Nada pode ser desperdiçado. Alegria, dor, desejo, esperança, experiência, memória, tudo serve para a construção. Como pequenos azulejos colados com saliva e alento, assim o artista constrói a sua obra.

Para que a sua construção atravessasse as paredes do Outro, deve conter tudo o que possui, isso é o que pode oferecer: o seu olhar, a sua vida.



nove



Antes, quando as cartas atravessavam o espaço para chegar nas mãos de alguém, atravessavam também o tempo. Podia ser um tempo sem medida. Podiam se perder, podiam demorar tanto que o destinatário já havia partido.

Uma carta, às vezes, era como a gestação de uma pérola. Existiam manuais que ensinavam a escrever cartas.

Por causa das cartas, namorávamos os selos. Selos de países distantes despertavam em nós uma urgência de mar e barcos.

Hoje, em um segundo, alcançamos alguém do outro lado da Terra.

Quase não sobraram cartas, das que carregavam em si o tempo da espera, das que mudavam um destino.



dez



Uma teia de afetos deve ser casa e música.

Pode ser um chamado.

Quando o sol ilumina seus finos fios de seda, o intrincado da sua arquitetura, as vozes de quem amamos se fazem ouvir.

Para que a teia dos afetos nos salve, como a água fresca que feito milagre brota no oásis do deserto, é preciso amarrar no corpo as histórias de cada um, Via Láctea para iluminar a noite por onde caminharemos.



onze



Sinto como o tempo me atravessa em sépia, de tão longe e como vou me transformando em árvore.

Aos poucos há todo um movimento, uma dança que me leva em direção às camadas profundas da Terra e ao silêncio do céu.

O amor sobe pelas plantas dos pés e se espraia até a palma das mãos.

O amor são folhas e frutos e sombra.

A pele rugosa conta histórias.



doze



As lojas de tecido eram um mundo.

Sinto até hoje o seu cheiro rascante na garganta.

Eu misturava meu corpo miúdo nas pilhas de panos coloridos, passeava minha mão em suas texturas, enquanto minha mãe escolhia, imaginava as roupas já prontas.

Como podem os cheiros atravessar o tempo intactos e por um nada invadir o que estou fazendo, se lendo, cozinhando, escrevendo...

São lufadas de afeto que o vento sopra.



treze



No poço dos sentimentos, as águas são limpas e turvas, misturadas.
Há que sentar-se na beira do poço e antes de mergulhar as mãos, separar as águas é tarefa imprescindível.
Os sentimentos se transmutam, podem de água passar ao estado de lâmina. Podem cortar, ferir. Ou ao estado de pedra pontiaguda e quando arremessados, podem matar. É possível separar as águas soprando, cantando ou dançando. Também se pode sussurrar amor ou derramar sobre o poço o brilho da primeira estrela.



quatorze



Catar pedrinhas de alegria, como os catadores de papel catam papéis de todo tipo e espessura, e na paisagem urbana se deslocam, pássaros de arribação entre os carros e o concreto. Mas as pedrinhas de alegria, em alguns momentos, são mais difíceis de encontrar do que o papel e seus derivados. É preciso exercitar os olhos e a pele e todos os sentidos para farejá-las, escondidas nos vãos da tristeza.

Além disso, é preciso construir um cofre para guardá-las, um cofre com matéria lunar, já que por um nada se desmancham, no crepúsculo ou entre as teias do que não é dito.



quinze



Existem muitos tipos de nós. Os marinheiros sabem.

Mas, há os nós cegos que nos levam até as ruas sem saída, os portões fechados.

Há que encher as mãos de paciência, untá-las com alguns cânticos e versos. Esperar o vento propício, para soltar o corpo, num quase voo e pouco a pouco o nó começará a ceder.

No começo será quase imperceptível, mas não se pode desistir.

Então, de repente, o que era pedra vira seda, os cadeados se abrem, as ruas desembocam em praças, o nó vira abraço.



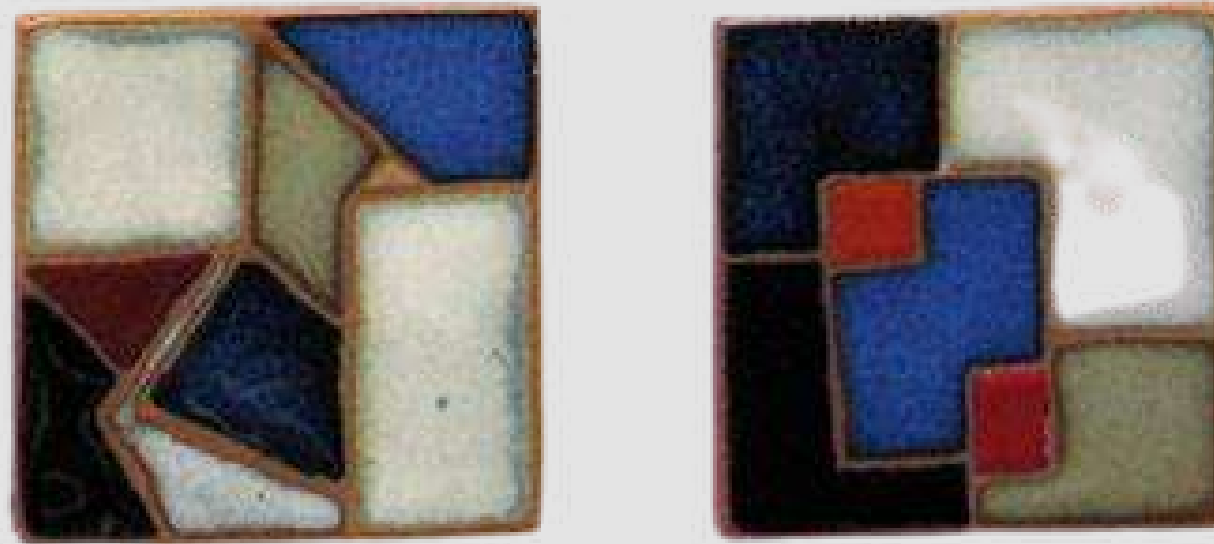
dezesseis



Por veredas, estradinhas de terra, bifurcações que vão dar em lugares mágicos, clareiras varridas pelo vento que chega de muito longe trazendo notícias dos ancestrais, assim caminhamos às vezes, por onde nos leva o devaneio, o silêncio que recolhemos das estrelas, para que possamos exercer a dádiva de existir, nas suas miudezas.



dezessete



Mergulhar na mata é muito diferente do que um mergulho no mar.

Pouco a pouco, a pele vira casca e se cobre de musgo, os braços tentam alcançar o céu, os pés sentem o peso escuro da terra, o corpo se imobiliza para separar os feixes de cantos, aqui e ali.

Tudo fala e ao mesmo tempo faz silêncio.

Talvez, se consiga sentir o coração das árvores com o nosso coração. Talvez, quem sabe, elas sejam as últimas sentinelas, as que não deixarão que o mundo se acabe.



dezoito



O inconsciente é o rio onde jogo meu anzol para pescar imagens.
Elas flutuam, iridescentes, como peixes luminosos, ágeis e fugidios.
As imagens emergem e tenho poucos segundos para entorná-las dentro do poema, antes
que desapareçam no fluxo das águas.



dezenove



Cada vez mais somos convocados para dentro das Redes.

Mas não levamos a nossa rede e penduramos no alpendre da casa de um amigo, não sentimos o cheiro da casa enquanto o café se derrama na xícara ou ouvimos o piar dos passarinhos ou a música da chuva.

A Rede nos convoca e o que somos lá dentro é o que somos do lado de fora?

Há um intervalo entre este eu dentro da tela e o outro que somos?

A palavra rede é vasta.



vinte



Em momentos difíceis, precisamos tecer nossas teias de afeto com a delicadeza das sedas e das aranhas.

Nossos amigos, mesmo distantes, brilham: são diamantes.

Nossa família, as raízes que nos ajudarão a buscar os nutrientes.

A ponte entre nós precisa de alguns materiais mais resistentes que o aço, por exemplo, exatamente a delicadeza, que deveria estar sempre presente entre humanos e humanos, humanos e todos os outros habitantes do planeta.



vinte e um



Assim me vejo, fiando, desde sempre, desde o começo do mundo, escrevendo o mesmo poema, que se desdobra em outro e outro e voa, percorre cidades distantes, corações desconhecidos, que não é música, mas é música, esse ofício que aprendi não sei como, de dizer de outro jeito as coisas miúdas e sagradas e banais que fazem a vida. Qualquer motivo serve, o olhar como rede de pescar o que entornarei dentro do poema, que é como ânfora que guardasse algumas águas primordiais.



vinte e dois



Para que serve a poesia?

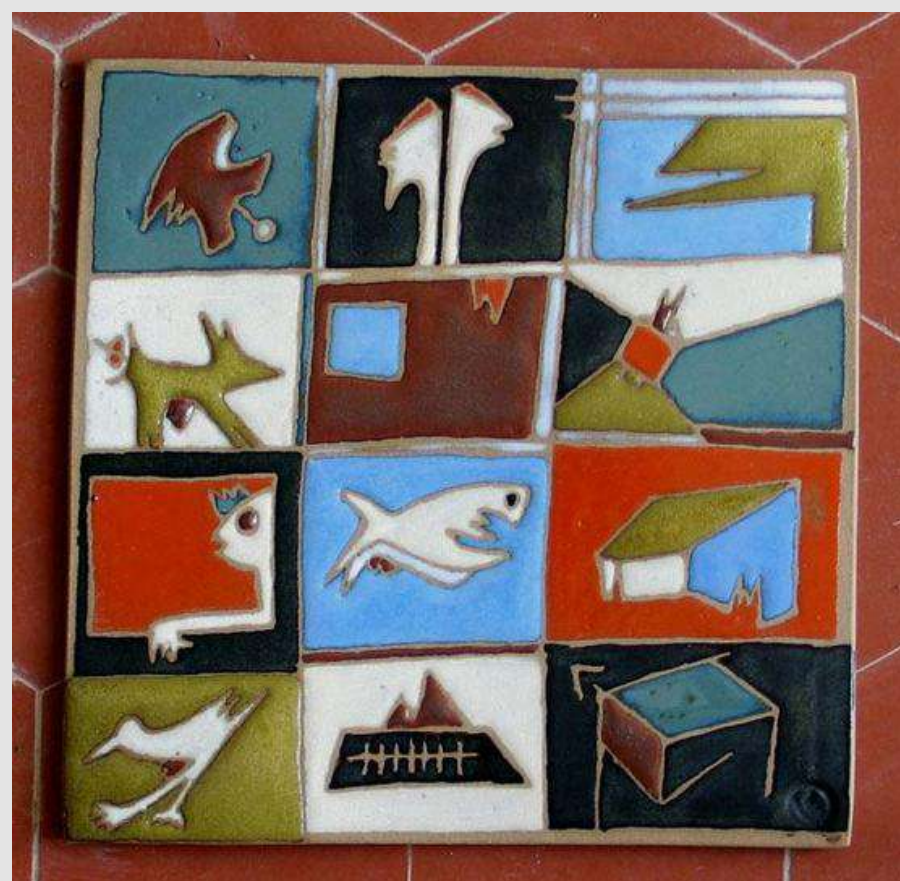
Talvez para consertar um pouco o mundo, remendar o mundo, deslocando o olhar.

Para escavar, talvez, encontrar, desenterrar sentimentos adormecidos, não com os instrumentos de um arqueólogo, mas com palavras, imagens, metáforas, alusões.

Mas se a poesia está em tudo, o trabalho do poeta é apanhá-la com o olhar, as mãos e fazer do poema a sua morada, seu ninho. Se o poema voar até o coração do leitor e revirar seus sentimentos, terá cumprido o seu destino.



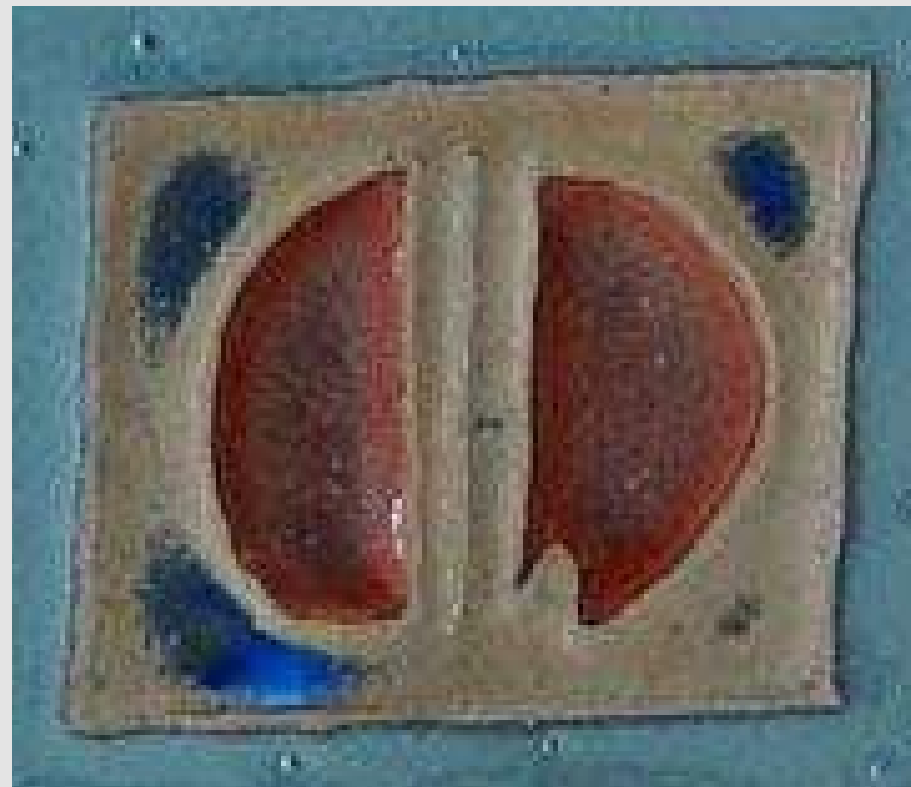
vinte e três



Algumas perguntas são tão antigas quanto o mundo.
Quem sou eu? De onde vim?
Para onde vou?
Quem já viu as mãos nos desenhos das cavernas, mãos
de 15.000 anos ou mais, impressas como para dizer:
Ouçam, estivemos aqui, em nossas mãos também corriam
os rios do destino...
Estas mãos amaram, coletaram, caçaram, mataram,
curaram e de tão longe nos acenam, neste ímpeto, que
temos de deixar a nossa marca..
Com certeza também se perguntavam: Quem somos?
Para onde vamos?



vinte e quatro



Muita gente me pergunta como é escrever poesia para criança.

Há uma receita?

É uma brincadeira?

Virar criança pode ser uma receita.

Mas, acho que sim, é uma brincadeira. Feito cozinhar, só que os ingredientes são as palavras.

Com elas a alquimia.

As crianças amam os meus poemas, os jovens também.

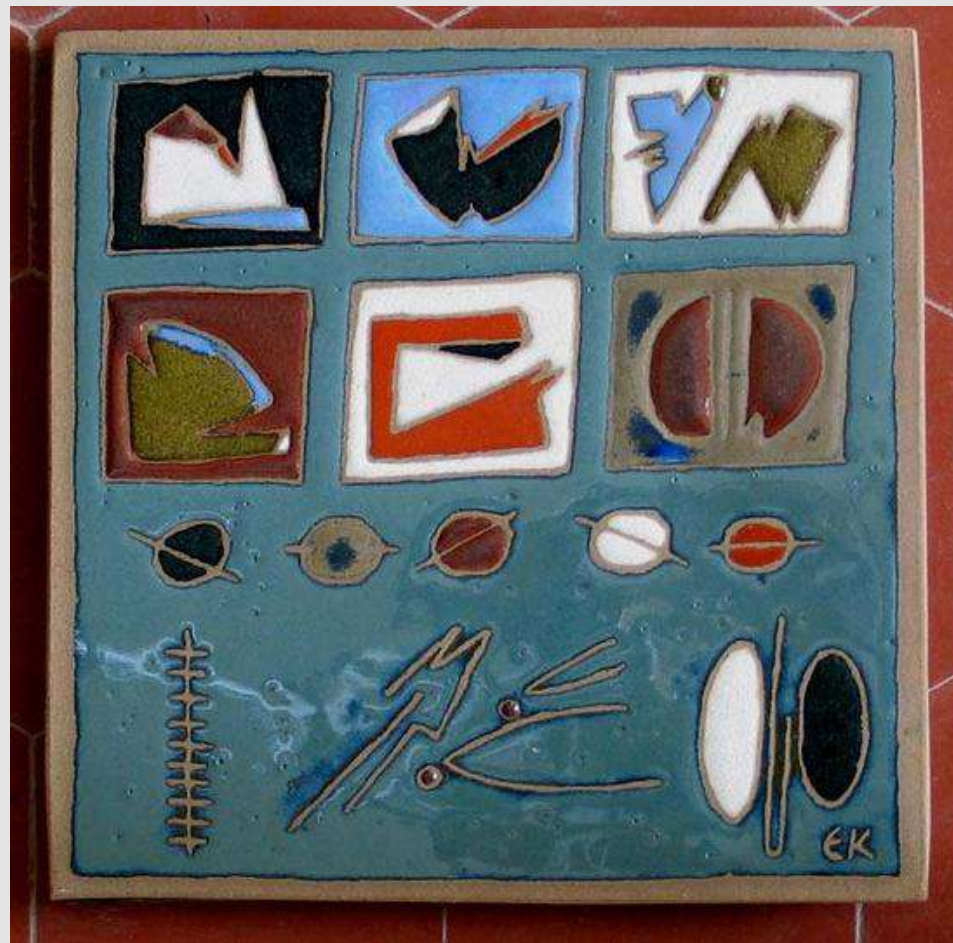
Mas o melhor é que ficam com o desejo de escrever.

João Cabral disse: "A educação pela pedra".

Eu digo: A educação pela beleza, pelo amor, pela paz.



vinte e cinco



Ser idoso é sentir-se gasto ou ter do lado de dentro um oceano de sabedoria?

Ser idoso é um estorvo ou um baobá de histórias?

Como se mede o tempo dentro da alma? A alma sabe que é idosa?

Ser idoso é um relógio parado esperando a morte?

Ser idoso é ser folha seca ou, ao contrário, é carregar no corpo um balaio encharcado de memórias vivas como um lince em sua floresta?

Ser idoso atrapalha? Se pode soprar para desmanchá-lo? É melhor trancá-lo num quarto escuro?

Ou um idoso é quem carrega tantas palavras de amor que se poderia inventar um novo dicionário?





TEIAS DE AFETO E POESIA

Projeto Gráfico – Jidduks

